



Depois de um longo e duro cerco a Troia, parece impossível penetrar as robustas muralhas que protegem a cidade. Ulisses é um dos valorosos gregos que lutam, há nove anos, para recuperar a bela Helena do cativo troiano. «A ignorância é como Troia, sem armas para lutar, faz-se rodear de intransponíveis muralhas. A vitória está no que nos ajudar a contorná-las.» Foi então que projectou o magnífico Cavalo de Troia, uma imponente construção de madeira destinada a ludibriar a ignorância do inimigo. «Apresento-vos o Cavalo de Troia, instrumento da vitória. Assim, conquistaremos Troia, tal como, no futuro, conquistarei as mentes de muitos leitores.»

DESASSOSSEGO
DA LIBERDADE
COLECTÂNEA

EXEMPLAR N.º :

DESASSOSSEGO DA LIBERDADE

COLECTÂNEA

TÍTULO: DESASSOSSEGO DA LIBERDADE
AUTORES:
REVISÃO: JOÃO BATISTA * LIVROS DE ONTEM
CAPA: JOÃO PEDRO FONSECA
PAGINAÇÃO: NÁDIA AMANTE * LIVROS DE ONTEM

©2015, LIVROS DE ONTEM
RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR

1ª EDIÇÃO: MAIO 2015
TIRAGEM: 150 EXEMPLARES
DEPÓSITO LEGAL:
ISBN:

LIVROS DE ONTEM
RUA JOÃO ORTIGÃO RAMOS, 34, 6ºF
1500 - 364 LISBOA • PORTUGAL

WWW.LIVROSDEONTEM.PT

ÍNDICE

AUTORES CONSAGRADOS

MANUEL JORGE MARMELO

CARLA M. SOARES

PEDRO MEDINA RIBEIRO

SAMUEL PIMENTA

NUNO NEPOMUCENO

NOVOS AUTORES

EDUARDO DUARTE

MÁRCIA COSTA

CLAÚDIA FERREIRA

ANDRÉ MATEUS

MÁRCIA BALSAS

CONVIDADOS ESPECIAIS

DAVID NOISERV SANTOS

GUILLEMO DE LLERA PRIMITIVE REASON

AUTORES
CONSAGRADOS

MANUEL JORGE MARMELO

O LIVREIRO NEGLIGENTE

Almerindo Barbosa entrou na livraria quase rebentando de indignação, demasiado próximo, por assim dizer, do momento em que lhe saltaria a tampa. Não sendo, todavia, homem calhado para grandes escândalos, preferiu conter-se e portar-se como um cavalheiro dos antigos. Tirou o chapéu e depositou-o cerimoniosamente sobre o balcão, retocou o nó da gravata. Teve, ainda assim, de pigarrear duas vezes para conseguir conquistar a atenção do funcionário, entretido a conferir facturas.

— Por obséquio.

Nada.

— Fazia o favor?

O negligente livreiro aproximou-se então com enervante vagar e julgo que chegou a coçar-se pelo caminho (não mais de quatro passos e, ainda assim, lentos como os de um paquiderme infinito).

– Muito bom dia e seja bem-vindo a este estabelecimento. Fazia o favor?

Quase sussurrando após respirar profundamente, Almerindo Barbosa passou a explicar aquilo que considerava ser um inqualificável lapso da livraria, que lhe tinha vendido, e nem sequer fora barato, um livro em branco que, afinal, se encontrava cheio de histórias. Admitia que se tratara de um engano, nem se atrevia a imaginar coisa pior, mas exigia (exigia!) ser imediatamente ressarcido.

– Ressarcido, diz o senhor?

Nada mais justo, alegou Almerindo Barbosa. Pretendia devolver o livro defeituoso e trocá-lo por um que estivesse realmente em branco, imaculado e virgem, sem defeito, que isso mesmo pagara quando ali estivera na véspera.

– Nunca tal me tinha acontecido, protestou. Adquiri dezenas de livros em branco, alguns dos quais neste mesmo estabelecimento, nos bons velhos tempos desta casa, quero dizer, e nunca me passou pela cabeça que fosse possível acontecer-me uma coisa tão extravagante e desagradável. Estou muitíssimo perplexo com tudo isto. Se estivesse interessado em ler historietas triviais, teria comprado um romance. Mas creio que fui bastante claro quando ontem lhe pedi um livro em branco.

O livreiro não parecia menos confuso e desconcertado do que Almerindo Barbosa. Lembrava-se perfeitamente de tê-lo atendido no dia anterior, os fregueses da livraria são cada vez menos e passam-se dias inteiros em que não entra ninguém no estabelecimento, mas estava capaz de jurar que tinha aviado um livro em branco, imaculado e sem defeito, conforme o cliente solicitara. Desconfiado, agarrou no volume que o senhor Almerindo tinha depositado sobre o balcão e folheou-o com certo cepticismo, primeiro, e depois com sincero espanto, pois era verdade que o livro estava totalmente impresso, embora tudo no seu aspecto exterior indicasse que se tratava de um livro em branco.

– Tem razão, mas não compreendo. Ia jurar que, quando ontem daqui saiu, o livro estava em branco, como deve ser.

– Não está por acaso a sugerir que o imprimi eu durante a noite, pois não? Não tenho idade nem ânimo para garotices, meu caro senhor. Somos ambas pessoas maduras e sérias. Tenho-o nessa conta, pelo menos, e não gostaria de me ver obrigado a rever o conceito que faço de si e deste estabelecimento, do qual sou cliente regular desde o tempo em que aqui vinha de calções pela mão do meu falecido pai, que deus o guarde.

– Estou sinceramente desolado, desculpou-se o livreiro. Vou já dar-lhe um livro novo e não se fala mais nisso. Seja como for, o cliente tem sempre razão e o senhor Barbosa não é um cliente qualquer. É um amigo desta casa. E desta vez vou certificar-me pessoalmente de que lhe dou um livro rigorosamente em branco. Longe de mim a intenção de lhe provocar algum tipo de contrariedade ou transtorno.

O livreiro dirigiu-se a uma estante, desta vez pressuroso e diligente como uma alcoviteira, e regressou ao balcão trazendo o livro e o seu melhor sorriso. Verificou diante de Almerindo Barbosa que o volume tinha as páginas rigorosamente em branco, alvas e puríssima, e pediu que o cliente o confirmasse também, disposto a não transigir com mais nenhum erro ou mal-entendido.

– Muito bem, concordou Almerindo Barbosa. Parece estar tudo em ordem.

– Quer que embrulhe?

– Não é preciso, deixe estar. Pretendo lê-lo no eléctrico, durante a viagem para casa. Só espero que seja pelo menos tão bom como a crítica tem afirmado. Mas neste tempo que vivemos já nem na crítica se pode confiar demasiado. Passe bem.

– Volte sempre.